

PENSANDO O CORPO: REFLEXÕES SOBRE A AGÊNCIA DE SUJEITOS NEGROS NO YOUTUBE¹

Luiz G. J. Dantas

Mestrando (a) do curso de Pós-graduação em
Comunicação e Territorialidades

Universidade Federal do Espírito Santos - UFES

E-mail: luizgustavo.dantas@gmail.com

Orientadora: Prof^a Dr^a Daniela Zanetti

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

E-mail: daniela.zanetti@gmail.com

RESUMO

Este trabalho compõe uma pesquisa de dissertação de mestrado que trata do tema da construção de identidades negras no *YouTube*. O objetivo é fornecer insumos para refletirmos sobre os modos como os *YouTubers* negros de pele clara constroem e reverberam representações de suas identidades negras, a partir de discursos sobre si próprios e de negritude na cultura brasileira. Visa também refletir sobre as imbricações políticas e socioculturais que influenciam a questão da identidade negra no Brasil, especificamente no que se refere aos negros de pele clara. Discutimos, em um primeiro momento, uma construção epistemológica ocidental, branca e europeia que, para servir ao processo de colonização, estabeleceu a raça como demarcador universal da diferença. Apresentamos as disputas em torno das ideias de raça e negritude, não apenas do ponto de vista acadêmico e científico, mas também por meio dos movimentos sociais antirracistas. Em seguida, propomos um debate sobre a estética como uma construção discursiva. Mostramos como, por meio de produções da aparência que conjugam agentes humanos e não-humanos, a estética pode ser entendida como instância privilegiada para se pensar processos de subjetivação negra.

Palavras-chave: Corpo. Identidade. YouTube.

INTRODUÇÃO

Para pensar o corpo negro é preciso, primeiramente, abrir mão da sedutora dicotomia entre cultura e natureza. Este paradigma, presente no modelo de pensamento colonial, serviu de lastro científico para operacionalizar a dominação e subjugação dos corpos africanos

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

escravizados. O branco, com seu alegado progresso civilizatório, estaria localizado no terreno da cultura, detentor da erudição e da ciência, componentes indiscutíveis da produção de autoridade por meio da intelectualidade. O negro, por outro lado, estaria no solo da natureza, da animalidade, à espera da intervenção branca que, por meio de sua civilidade, conduziria à condição evolutiva de ser humano (SODRÉ, 2017).

O corpo negro é, deste modo, construído no interior de um discurso que tinha como plano de ação a demarcação de poder. Quijano (2005) explica que é o colonialismo quem inaugura a raça, em seu sentido moderno, como sistema de classificação universal da diferença. Este panorama histórico e político precisa estar evidente para que possamos compreender o significado que ser negro assume na contemporaneidade. Sodré (2015) entende que é a partir dessa definição de um mesmo e de um Outro, tomando como referência o branco, que se desenha o mal-estar civilizatório chamado racismo.

DESENVOLVIMENTO

Hall (2013) fala de raça como um significante flutuante, isto é, como um conceito sempre em construção e, principalmente, em disputa. Neste sentido, ao pensarmos os regimes de representação em torno dos sujeitos negros, seja em território africano ou em diáspora, precisamos politizar o processo de produção de imagens que serviram a um discurso específico, a uma intenção política parte de um projeto imperialista. Em Olhares Negros, bell hooks (2019) destaca a importância do controle das imagens para a colonização e para a definição de um suposto lugar do negro nas sociedades marcadas pela escravização de pessoas africanas.

Os significados que a pele negra recebeu não são, portanto, reflexos de uma suposta natureza inerente aos corpos negros. É a partir de um discurso fundado na demarcação da diferença, tomando como parâmetro um ideal de branquitude, que surge a situação do negro no mundo colonial. Aí está a insuficiência da dicotomia entre natureza e cultura, pois até o que se entende por natureza é resultado de uma construção (TOREN, 1999).

Neste sentido, para refletir acerca das identidades dos sujeitos negros e, de modo mais específico, de negros de pele clara no *YouTube*, é necessário destacar o surgimento de movimentos sociais e políticos de resignificação da negritude, de disputa de sentidos de ser negro, como o movimento *Black Power*, parte das manifestações civis da década de 1960, nos Estados Unidos (HALL, 2003), na disputa de narrativas no cinema (hooks, 2019) e na luta do Movimento Negro Unificado, no contexto brasileiro, e de projetos como o Teatro Experimental

do Negro (GONZALEZ, 1982; NASCIMENTO, 2016).

Esse processo de construção de uma subjetividade negra, tomando outros referenciais que não os estereótipos racistas do discurso hegemônico, foi estudado por Neuza Santos Souza em *Tornar-se Negro* (1983). A autora aponta, a partir da análise de interlocutores negros diversos – tanto do ponto de vista social e econômico, quanto do ponto de vista dos tons de pele – como esses significados em torno da negritude são constantemente elaborados pelas pessoas negras tomando como referencial a relação com o branco, em decorrência de sua existência em uma sociedade racista. Souza conclui que tornar-se negro “é um vir a ser” (1983, p. 77), resultado de uma tomada de consciência por parte dos sujeitos negros de sua condição política e social, a partir da compreensão de um processo histórico de desumanização e exploração.

No caso dos *youtubers* a serem analisados, pode-se dizer que a ênfase dos temas que norteiam boa parte dos vídeos está, justamente, nesse processo de tomada de consciência do tornar-se negro. Desenvolvendo narrativas de como passaram a se entender enquanto sujeitos negros, uma vez que se enquadram no fenótipo pardo, para tomar a classificação étnico-racial utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, os produtores de conteúdo objetos de minha pesquisa parecem ser mobilizados por uma necessidade de demarcar o reconhecimento da negritude como afirmação de um posicionamento político.

Ao enfatizar que toda epistemologia é política, Latour (2008) tece uma crítica ao entendimento de que a ciência poderia, ao modo tradicional, apresentar análises fiéis de um suposto mundo real, onde as coisas são como são, independente da ação humana, podendo ser capturadas e estudadas de modo exato. O autor, entretanto, qualifica esse argumento como pouco produtivo, pois o que há de mais interessante em uma pesquisa é permitir que o objeto responda a partir de suas próprias categorias, impondo suas complexidades, em vez de tentar limitá-lo pelas teorias correntes que, podemos acrescentar, estão assentadas em uma orientação ideológica particular. Seria necessário, defende ele, estar aberto a um questionamento constante, vindo dos objetos de estudo, quanto ao próprio modo de fazer ciência.

Insistindo na superação da dicotomia natureza/cultura, Latour (2008) insere a compreensão do corpo como algo a ser adquirido, e não como algo que está dado. Ele diz que “adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível” (2008, p. 40). Para o autor, um corpo é adquirido a partir de sua relação com outros agentes, humanos e não-humanos, em um processo que também pode incorporar componentes materiais e artificiais capazes de acumular ainda mais diferenças da

vida social. É por meio dessas relações que o corpo aprende a se deixar afetar (LATOUR, 2008, p. 42). É na experiência que ele adquire suas habilidades, desenvolve suas potências, constrói a si mesmo, desde que seja capaz de se deixar ser afetado pelas diferenças.

É por meio de sua articulação – articular, explica Latour (2008), diz respeito à capacidade de deixar-se afetar pelas diferenças – que o corpo é adquirido, em relações múltiplas, intermináveis. Reitero esses dois argumentos centrais de Latour, a ideia de que o corpo é adquirido e o imperativo de pensar o corpo em suas relações com a diferença, para destacar o papel da agência dos corpos negros nos processos de construção de identidades. Adquirir um corpo negro é agenciar afetações, relações diferentes das que foram impostas pelo imperativo colonial e, conseqüentemente, pelo substantivo racial.

Seguindo o percurso de investigação sobre como examinar a construção de identidades negras, inserimos agora a dimensão da estética como um dos modos pelos quais alguém pode adquirir um corpo, para remontar à formulação feita por Latour (2008). Se nas primeiras seções deste texto destacamos o corpo da determinação biológica e o localizamos em uma esteira discursiva, cenário de profundas disputas políticas e epistemológicas, aqui a centralidade do debate está na agência dos sujeitos na elaboração de narrativas estéticas que tomam como pano de fundo a realidade da vida social e a confrontam.

Mylene Mizrahi (2019), ao buscar respostas para o que poderia caracterizar a especificidade de uma estética negra, fornece pistas para pensar as estéticas corporais como práticas discursivas. Para além da forma e da aparência, a autora compreende a estética como ação e discurso político, como força e potência, como uma forma de cognição produzida por meio do corpo. Para iluminar uma via de apreensão das estratégias de autoapresentação negras, ela privilegia “a produção das aparências dos sujeitos e seus corpos em fluxo pelo espaço público” (2019, p. 460). O corpo, mais uma vez, é visto não como algo dado, e sim como uma construção, não somente do ponto de vista epistemológico, como apresentado anteriormente, mas também como instância privilegiada de processos de subjetivação.

De modo específico, Mizrahi (2019) investiga as políticas de cabelos negros, entre mulheres, na cena urbana da cidade do Rio de Janeiro. Em sua pesquisa, ela destaca a importância que os cabelos assumem na composição de identidades de mulheres negras e mapeia três contextos diferentes onde, com distintas intencionalidades, a manipulação dos cabelos acontece. A diversidade de estéticas negras, por si só, já é insumo para problematizar os estereótipos que, em sua maioria, operam a favor da cristalização de um negro único.

O primeiro modo de produção de beleza não-branca observado por Mizrahi (2019) foi detectado junto às mulheres do *funk* carioca, por meio do que ela chamou de cabelos ambíguos. Trata-se de apliques de cabelos humanos que, muitas vezes, têm o aspecto de cabelos de mulheres brancas. Para escapar de representações tradicionais de negritude – os cabelos pranchados, facilmente identificáveis como crespos ou cacheados alisados, e os cabelos afro – essas mulheres desestabilizam marcadores de raça e classe ao se apropriarem desse tipo de aplique capilar, fazendo da ambiguidade racial agência (MIZRAHI, 2019, p. 462). Não há, naquelas interlocutoras, explica a pesquisadora, o desejo de parecer uma mulher branca, mas de se posicionar na relação com o ideal de beleza hegemônico branco e diferenciar-se dele, em um jogo de ressignificação.

A segunda estética capilar observada por Mizrahi (2019) se dá no contato com estudantes que optam por utilizar os cabelos *black* e os turbantes, quase sempre associados à cultura afro. Ao contrário do exemplo anterior, essas mulheres não têm por objetivo evitar conflitos, mas construir uma aparência marcadamente distintiva. A intenção é justamente informar “uma pertença identitária por meio de uma estética que radicaliza a diferença junto à forma e à beleza” (MIZRAHI, 2019, p. 471). A autora atenta que “a procura por cabelos Black retoma a ideia de uma beleza natural, dada, mesmo que estes sejam ativamente produzidos” (MIZRAHI, 2019, p. 472). Naquelas que eram lidas como mestiças ou pardas, assumir os cabelos *black* ou usar turbantes demarcava uma identificação com a negritude, num ato político de desconstrução do mito da democracia racial.

O terceiro tipo de produção de beleza negra examinado por Mizrahi (2019) é o que ela chama de extensões *pop*. Trata-se de tranças de cabelo notadamente sintéticas, de cores variadas. Ao discorrer sobre sua observação de uma jovem que usava essa estética capilar, a pesquisadora salienta a artefactualidade desse modo de produzir a aparência, enfatizando a maneira como, constantemente, para nos fazermos humanos, precisamos estabelecer relações com instâncias não-humanas. O que aqueles cabelos realizavam, diz Mizrahi (2019), era uma crítica à naturalidade como condição para uma identidade autenticamente negra. As extensões *pop*, explica, “forçam o reconhecimento das potências que a articulação entre estética, consumo e política oferece” (MIZRAHI, 2019, p. 480).

Mizrahi (2019) conclui afirmando que “a estética não é uma coisa que nos permite singularizar culturas, povos ou estilos, mas uma agência, uma potência transformativa, produtora de efeitos no mundo social” (p. 480). Retomamos, então, a formulação de Souza

(1983): tornar-se negro é um vir a ser, é tomar consciência histórica e política da situação do negro na sociedade brasileira. O que as mulheres negras observadas por Mizrahi estavam fazendo, por meio da construção de estéticas negras, demonstra uma resposta política que desafia, por meio do corpo, o regime de estereótipos racistas elaborados em torno do significado que ser negro recebeu depois da colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propomos um breve reflexão sobre o corpo negro, insumo para a continuidade de nossa pesquisa que pretende compreender como *youtubers* negros de pele clara constroem suas identidades negras no *YouTube*. Para isso, discutimos, primeiramente, a existência de um esforço epistemológico que concebeu a raça como marcador da diferença para servir a interesses coloniais. Apresentamos, entretanto, as disputas existentes em torno das ideias de raça e negritude. Em seguida, destacamos o papel da estética na construção de identidades negras, entendendo o material como suporte do simbólico e fonte privilegiada de observação de processos de subjetivação por meio da agência de sujeitos negros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **Raça, o significativo flutuante**. ZCultural, Ano VIII, 02. Trad. Liv Sovik. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

LATOUR, Bruno. **Como falar do corpo?** A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (org.). *Objectos Impuros: experiências em estudos sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

MIZRAHI, Mylene. **As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro**. *Mana*, 25(2): 457-488, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Claros e escuros**: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TOREN, Christina. **Mind, materiality and history**: explorations in fijian ethnography. London/New York: Routledge, 1999.